

## Dois Espaços, Dois Romances: Uma comparação entre *Texaco* e *Cidade de Deus*

Mestranda Keila Prado Costa<sup>1</sup>

### Resumo:

*Os romances Texaco, de Patrick Chamoiseau, e Cidade de Deus, de Paulo Lins, têm muitas semelhanças. Dentre elas, e talvez a mais evidente, está o fato de ambos narrarem a história de favelas: Texaco e Cidade de Deus, respectivamente, e como os próprios títulos dos livros já evidenciam. Assim, em ambos os casos, os espaços onde se passam as histórias adquirem extrema importância. Em geral, as personagens desses romances estão diretamente ligadas a esses espaços, lutando para mantê-los ou para se manter neles: os moradores de Texaco querem ter o direito legal de habitar naquelas terras, que são de propriedade da multinacional petrolífera “Texaco”; enquanto os moradores da Cidade de Deus estão divididos em diversos grupos, dentre eles, os grupos de traficantes da favela, que buscam exercer o comando do tráfico na maior extensão geográfica possível. A questão é compreender como esses espaços geográficos se tornam espaços do romance e de que modo eles se sobressaem nas narrativas.*

**Palavras-chave:** Espaço, Cidade de Deus, Texaco, favela

Quando Patrick Chamoiseau publicou *Texaco*, em 1992, talvez nem ele mesmo pudesse imaginar que seu romance ganharia o maior prêmio literário da França – o Goncourt; e que em apenas um ano mais de 280 mil exemplares do livro seriam vendidos. Do mesmo modo, é possível que Paulo Lins não tivesse a idéia de que *Cidade de Deus*, publicado em 1997, seria um dos romances brasileiros mais vendidos<sup>1</sup>, traduzidos e discutidos dos últimos tempos, chegando, dez anos depois, a ganhar uma edição comemorativa, com ensaios de importantes estudiosos da literatura<sup>2</sup>.

É inevitável ler *Texaco* e *Cidade de Deus* e não notar algumas semelhanças. Apenas pelas informações descritas acima, é possível vislumbrar a importância político-comercial que ambos têm na história da literatura de seus países, tendo alcançado prestígio entre leitores e críticos culturais e acadêmicos. No entanto, além dessas questões, a mais evidente dentre todas as semelhanças (e que talvez possa nos trazer um vestígio de explicação para tamanho sucesso literário), é o tema das narrativas. Os dois livros contam a história e o desenvolvimento de favelas: *Texaco* e *Cidade de Deus*, respectivamente.

Em *Texaco*, Chamoiseau subscreeve a história da construção de uma comunidade à história do povo que constrói essa comunidade. A personagem principal, Marie-Sophie Laborieux, líder da favela (ou “bairro comunitário”, como chamam) *Texaco*, quer impedir a demolição desse espaço e, para isso, ela conta ao urbanista da prefeitura, Cristo, a história de luta que ela e outras pessoas tiveram para que eles pudessem estar ali. Nesse discurso de revelação ao urbanista ela retoma a história de seu pai e de seu povo - os negros escravos. Ela retoma a trajetória de sua própria vida e a entrelaça com a trajetória dessa favela. De acordo com o jornal *Jeune Afrique*, *Texaco* “é como uma

<sup>1</sup> Até 2003, *Cidade de Deus* havia vendido mais de 80 mil exemplares.

<sup>2</sup> Em outubro de 2007 a editora Companhia das Letras lançou a edição comemorativa de *Cidade de Deus*, com ensaios dos críticos Roberto Schwarz, Vilma Áreas e Eduardo de Assis Duarte.

saga espiritual contada à noite pelos idosos numa praça de aldeia. É como um *spiritual* sussurrado numa igreja, que contaria os sofrimentos e as esperanças de um povo”.

Já em *Cidade de Deus*, não há um narrador-personagem que recupera a memória da história de um povo ou de um lugar, mas, acompanhando a história de várias personagens, é possível acompanhar a evolução desse espaço ao longo de três décadas – do final dos anos 1960 ao início de 1980 – e perceber como o desenvolvimento do tráfico de drogas modificou as relações geográficas da Cidade de Deus. Nessa trajetória, o conjunto habitacional, construído pela prefeitura para oferecer moradia à famílias desabrigadas, passa por um processo de linear degradação e de abandono do poder público, inversamente proporcional à ascensão do poder dos grupos de traficantes que tomam posse do local.

Tendo em vista o tema em comum entre os dois romances, não é mero acaso que eles tenham como título *Texaco* e *Cidade de Deus*, ou seja, os nomes dos espaços onde se passam as histórias. Aliás, a maior parte das personagens que aparece nas tramas está diretamente ligada a esses espaços, lutando para mantê-los ou para se manter neles: os moradores de Texaco querem ter o direito legal de habitar naquelas terras, que são de propriedade da multinacional petrolífera “Texaco”; enquanto os moradores da Cidade de Deus, tendo o direito legal de morarem ali, estão divididos entre diversos grupos e, entre eles, pelos grupos de traficantes da favela, que buscam exercer o comando do tráfico na maior extensão geográfica possível.

Como ambos os livros são escritos sob a premissa de serem baseados em fatos, histórias e personagens reais, e como “Texaco” e “Cidade de Deus” são realmente dois bairros, duas favelas que se localizam em Fort-de-France - Martinica, e, Rio de Janeiro - Brasil, respectivamente, a relevância do espaço no processo de criação dessas obras é mais fortemente acentuada. Os autores tiveram experiências nesses lugares, entrevistando moradores e líderes comunitários, o que se reflete na escritura dos textos. A questão, então, é compreender como esses espaços geográficos se tornam espaços do romance, e de que modo eles se sobressaem nas narrativas a ponto de, na interação com as personagens, se tornarem verdadeiros protagonistas.

### **O Espaço de *Texaco***

*Texaco* começa com um resumo cronológico intitulado “Marcas cronológicas de nossas investidas para conquistar a cidade”. Dividido em cinco partes<sup>3</sup>, esse resumo descreve as etapas históricas pelas quais grande parte da população martinicana passou em busca do direito legal de viver, ou melhor, de habitar um espaço. Essa “grande parte da população martinicana” é, especificamente, a população negra trazida da África em regime de escravidão durante o processo de colonização das Américas. Transplantadas de sua terra natal para um lugar completamente novo e diferente, milhares de pessoas que não tinham direito de posse das terras em que trabalhavam e viviam, tiveram que encontrar um novo lugar para se estabelecer com o fim do regime escravista.

Há nesse resumo cronológico uma forte associação da formação de Texaco ao processo histórico da Martinica, pois, para Marie-Sophie Laborieux, a fundadora de Texaco e a personagem que conta a história desse bairro, a luta por esse espaço começa na luta de sua vida, de seu pai e de

---

<sup>3</sup> As cinco partes são: *tempos de tabas e tijupás* (das tribos indígenas que ocupavam as ilhas antilhanas, à chegada de Colombo e à importação maciça de negros africanos), *tempos de palha* (do sistema de *plantation* à erupção da Montanha Pelée que destrói Saint-Pierre, a capital do país), *tempos de madeira de caixote* (a Primeira Guerra Mundial e a fome na Martinica), *tempos de fibrocimento* (da eleição de Aimé Césaire para prefeito de Fort-de-France à invasão de Texaco) e *tempos de concreto* (da visita De Gaulle à Martinica à morte de Marie-Sophie Laborieux, a fundadora de Texaco).

seus antepassados. Para ela, essa é uma herança histórica, da qual não se pode furtar o trabalho daqueles que fugiam da opressão dos tempos de escravidão, e que só pode ser retomada por meio da memória.

Embora haja no romance a construção da biografia de Marie-Sophie a partir da história de sua família, é o horizonte do coletivo que busca sua leitura, sua memória – mesmo que ela parta de uma experiência individual. Nessa perspectiva sobre coletivo, o pai de Marie-Sophie, Esternome, é influência fundamental, pois é ele que a ensina como sobreviver diante de tantas adversidades e que lhe transmite a herança da tradição à qual ela pertence, e que será definitiva na suas relações em Texaco.

Quando Marie-Sophie “descobriu” os terrenos da Companhia Petrolífera Texaco, sabia que àquele não era apenas o seu lugar, mas era também o lugar de um “*nós*” mágico coletivo do qual seu pai falava, pois ela havia encontrado o lugar “*mágico*”. A ocupação geográfica das terras da companhia petrolífera trouxe uma nova paisagem para o local. Divididos pelos reservatórios de petróleo, os moradores se instalaram em *Texaco-do-Alto*, onde se localizava a escarpa, e em *Texaco-de-Baixo*, onde estavam as terras do manguezal. Logo, eles começaram a plantar. A tradição que eles traziam da vida dos morros e das fazendas, os levaram a plantar árvores frutíferas e ervas medicinais. Para essas pessoas, conquistar Texaco, um lugar praticamente dentro da cidade (dada sua proximidade), significava romper definitivamente com a condição da escravidão, afinal eles poderiam viver num espaço que não era o da tradicional dominação e com o direito de poder plantar e colher para eles mesmos.

Por esse motivo, a relação que essas pessoas têm com o espaço é completamente diferente da relação que tem a companhia petrolífera. Sem ter a posse ou direito “legal” de habitá-lo, os novos moradores de Texaco não querem explorar a terra, mas sim interagir com suas peculiaridade, do modo como Esternome havia explicado a Marie-Sophie:

Bairro crioulo é uma permissão da geografia. É por isso que a gente diz Fundo-isso, Morro, Barranco-isso, Ribanceira-aquilo... É a forma da terra que dá nome ao grupo de pessoas. Terra agitada dá lugar a barraco pequeno. A gente cola um no outro, de cada lado da Trilha que, ela, segue firme pela crista. As roças se agarram nas ladeiras, e os fundos são deixados para a descida para a descida das águas. Terra agitadas igual a Bairro apertado, comandado pelo lugar (CHAMOISEAU, 1993. p. 283).

Com isso, a organização geográfica e social desse espaço seguia regras diferentes das existentes na “Cidade”. Mas, como esses moradores estão em terras que não lhe pertencem e que têm um dono “legal”, permanecer ali, não será fácil. Liderados por Marie-Sophie, eles iniciam uma luta contra àqueles que impedem que continuem onde estão. E essa luta não é apenas algo que envolve os moradores e o capataz da indústria, ou os moradores e o dono da Companhia, ou ainda os moradores e a Prefeitura. Essa é, de acordo com Marie-Sophie, uma luta de um povo contra uma história.

Em certa altura do romance, o prefeito da cidade de Fort-de-France vai visitar o bairro. A partir dessa visita, que Marie-Sophie chama de “efeito Césaire”, há uma mudança na perspectiva do romance. Marie-Sophie e outros moradores procuram Césaire em sua casa. Nesse encontro, o destino de Texaco muda. O lirismo da narração conduz ao desfecho poético da luta daqueles moradores. Césaire é o prefeito escritor que conhece a história daquelas pessoas e que intervém para que o tão sonhado *lugar mágico* se torne realidade.

### **O Espaço de *Cidade de Deus***

A cidade do Rio de Janeiro foi castigada por fortes chuvas na década de 1960. Esse “fenômeno da natureza” modificou a vida de muitas pessoas naquela época, principalmente daquelas que viviam nos morros e habitavam barracos em conjuntos de favelas sem qualquer estrutura sanitária e de segurança. Com o número de desabrigados crescendo ano após ano, o governo precisava tomar alguma atitude – e tomou. Durante a gestão de Carlos Lacerda, entre os anos de 1962 e 1965, a prefeitura construiu Cidade de Deus – um conjunto habitacional destinado a acolher os desabrigados, que, por suas condições e infra-estrutura, parecia ser realmente o paraíso.

Assim começa *Cidade de Deus*, o romance de Paulo Lins. É claro que não se trata de um registro historiográfico, muito menos de um relatório de gestão, mas narrando a história desse espaço, desde sua fundação, o livro não perde a dimensão da evolução histórica deste lugar, muito pelo contrário, ele percorre o trajeto da chegada dos moradores até o fim de uma “guerra” entre traficantes que ocorreu entre o final dos anos 70 e no início dos anos 80.

Dividido em três partes, o livro revela a história da Cidade de Deus por meio das histórias dessas personagens. A cada página e ao término de cada uma dessas partes, o leitor descobre cada uma das esquinas da favela, cada uma de suas ruas, de suas praças, de seus barracos. A morte das personagens que dão título a essas partes marca o final de um período e o início de outro, como num ritual de passagem, mas tem um elemento chave permanente: o espaço.

O espaço de Cidade de Deus nasceu dividido por sua própria composição geográfica, e por um sistema que custou um longo período de adaptação aos seus moradores:

Cidade de Deus deu a sua voz para as assombrações dos casarões abandonados, escasseou a fauna e a flora, remapeou Portugal Pequeno e renomeou o charco: Lá em Cima, Lá na Frente, Lá Embaixo, Lá do Outro Lado do Rio e Os Apês. (...) Por dia, durante uma semana, chegavam de trina a cinquenta mudanças, do pessoal que trazia no rosto e nos móveis as marcas das enchentes (LINS, 1997. p. 17-18).

Por conta de brigas, jogos de futebol, bailes, viagens diárias de ônibus, da frequência aos cultos religiosos e às escolas, uma nova comunidade surgiu efusivamente. (...) Quanto maior a periculosidade da favela de origem, melhor era para impor respeito, mas logo, logo, sabia-se quem eram os otários, malandros, vagabundos, trabalhadores, bandidos, viciados e considerados. Os menos afeitos à nova sociedade foram os bandidos. (...) Nenhuma das favelas teve sua população totalmente transferida para as casas do conjunto. A distribuição aleatória da população entre Cidade de Deus, Vila Kennedy e Santa Aliança, os dois outros conjuntos criados na Zona Oeste para atender aos flagelados das enchentes, acabou mutilando famílias e antigos laços de amizade. (...) Mas os favelados da Ilha das Dragas e do Parque Proletário da Gávea vieram em massa povoar Os Apês, onde o entrosamento foi mais facilmente alcançado (LINS, 1997. p. 35-36).

É interessante observar como, no romance, a influência dos bandidos podia ser decisiva em todo o conjunto, e como os moradores se viam condicionados, nesse sentido, a pertencer a um determinado grupo, de um determinado local. E, embora haja um entrosamento natural entre as pessoas que vão habitar o conjunto, por meio de atividades coletivas e companheirismo, a perspectiva da Cidade de Deus é individual. De um modo ou de outro os habitantes precisam lutar sozinhos para defender seu espaço.

Por isso, não há como não pensar em *Cidade de Deus* e não pensar nas relações de poder sobre o espaço, manifestadas pela influência dos bandidos do local. A interação entre a cidade do Rio de Janeiro e a Cidade de Deus acontece pela pouca movimentação das personagens, a partir de assaltos ou de pessoas que trabalham na cidade. Os dois espaços não se relacionam e, com a ascensão do tráfico de drogas, a narrativa passa a, gradualmente, excluir a movimentação das personagens fora da Cidade de Deus. Ao controlar o conjunto habitacional, Zé Pequeno instala uma nova ordem do espaço. Para ele, Cidade de Deus não era um conjunto habitacional, como se costumava dizer, mas sim, favela:

Conjunto o quê? Favela! Isso mermo, isso aqui é favela, favelão brabo mermo. Só o que mudou foi os barraco, que não tinha luz, nem água na bica, e aqui tudo casa e apê, mas os pessoal, os pessoal é que nem na Macedo Sobrinho, que nem no São Carlos. Se é na favela que tem boca-de-fumo, bandido pra caralho, crioulo à vera, neguinho pobre a pamparra, então aqui também é favela, favela de Zé Pequeno (LINS, 1997. p. 209).

Além disso, é pelo tráfico de drogas que Zé Pequeno assume e impõe o poder, instituindo-se dono daquele espaço, onde, mesmo agindo em bando, é o interesse individual que prevalece. A movimentação das personagens torna-se ainda mais limitada no romance – os moradores da Cidade de Deus praticamente não saem mais da favela e os moradores da Cidade é que a visitam em busca de drogas.

Quando o romance passa a narrar a “guerra” entre os grupos de Zé Pequeno e de Mané Galinha e Cenoura, a relação das personagens com o espaço se modifica mais uma vez. Os moradores são divididos a partir da localização geográfica do tráfico. Quem mora na região dominada por Pequeno está sob sua gerência e não pode passar para o lado de Galinha e Cenoura, e vice-versa.

### **Espaços de luta e lutas pelo espaço**

Os dilemas vividos pelas personagens nessas duas obras são parecidos e são diferentes; conseqüentemente, a caracterização do espaço nesses romances apresentará semelhanças e diferenças. É importante, porém, entender como essas características compõem um aspecto fundamental da narrativa, e como a comparação entre elas pode iluminar a leitura dessas obras. Já dissemos anteriormente que o espaço nesses romances não são apenas cenários para as ações, nem tampouco panos de fundo para histórias, mas são, na verdade, o grande mote dos textos. Que sentido há o relato de Marie-Sophie senão pela existência de Texaco? O que quer Zé Pequeno senão, em certa medida, “ser o dono de Cidade de Deus”?

A história de *Texaco*, como pudemos observar acima, caracteriza-se por uma luta pelo espaço, o que fará com que a relação de suas personagens com esse espaço seja diferente da relação que as personagens de *Cidade de Deus* têm com o espaço da favela, que se torna, na verdade, um espaço de luta.

Em *Texaco*, quando os moradores começaram a povoar o terreno dos reservatórios petrolíferos, um sentimento coletivo em busca do direito de estar ali criou uma aliança entre eles. E, embora houvesse dentro do grupo pessoas que exerciam algum tipo de liderança e poder (como é o caso de Marie-Sophie), o pensamento pelo “bem-estar” predomina e organiza as relações das

pessoas entre si e delas com o espaço. Assim, a luta contra um adversário em comum se torna mais fácil, pois, legítima para cada habitante, é força que une o coletivo.

O adversário dos moradores de Texaco é, na praticidade do conflito atual, a Companhia Petrolífera Texaco, dona das terras onde os barracos foram erguidos. Contudo, ao longo da narração de Marie-Sophie, esse adversário assume a forma de uma opressão histórica advinda dos tempos da colonização, do regime escravista. Desse modo, além de lutar contra a Companhia, eles lutam também com o Estado, por meio das forças que o representam: a polícia e a prefeitura.

Já em *Cidade de Deus*, como a ocupação se deu por uma determinação do poder público, e os habitantes tinham, em sua maioria, o direito da posse legal das casas ou dos apartamentos, o conflito contra o Estado faz-se essencialmente pelo trabalho da polícia, que por suas funções deveria reprimir assaltos, homicídios, tráfico de drogas etc. Ao contrário de *Texaco*, em *Cidade de Deus* não é possível desenhar esse conflito a partir da idéia de *moradores x polícia*, simplesmente. Há nesse romance uma segmentação dos moradores em grupos (bandidos, trabalhadores, sambistas, evangélicos, estudantes), o que contribui, juntamente com o direito a posse, para a constituição de uma perspectiva individualizada do espaço. Além disso, em virtude da caracterização de um dos aspectos recorrentes nas favelas brasileiras - a criminalidade, o conflito entre moradores e polícia têm aspectos distintos em cada situação: *bandidos x polícia*, *trabalhadores x polícia*, *sambistas x polícia*.

A divisão em grupos também se manifesta nos espaços. Geograficamente, Cidade de Deus é dividida, principalmente a partir da ascensão do comércio de drogas, quando as “bocas” pertenciam a grupos de traficantes diferentes, e quando se instala o conflito de Zé Pequeno x Mané Galinha. Contudo, antes dessa divisão radical da favela, o espaço já era controlado pelos bandidos. A circulação nas ruas e o espaço particular das casas acabam sendo delimitados pelos interesses dos bandidos, pois, dependendo da ação que desejam, fecham ruas e tomam, à bala, a posse das casas. Por isso, em alguns casos, a ação da polícia é vista por parte dos moradores como uma redenção da barbárie. Mas isso não é regra. Os problemas internos desse braço do Estado culminam em barbárie ainda maior, com corrupção de valores, perda de credibilidade e inversão de papéis. Em *Cidade de Deus* cada um vive por si e Deus para aqueles que nele acreditam.

No livro *Planeta Favela*, o estudioso Mike Davis, comenta:

Desde 1970, o crescimento das favelas em todo o hemisfério sul ultrapassou a urbanização propriamente dita. Assim, examinando a Cidade do México do final do século XX, a urbanista Priscilla Connolly observa que “até 60% do crescimento da cidade resulta de pessoas, principalmente mulheres, que constroem heroicamente suas próprias moradias em terrenos periféricos sem uso, enquanto o trabalho informal de subsistência sempre foi responsável por grande proporção do total de empregos”(DAVIS, 2006. p. 27).

Não pensamos aqui a questão da urbanização ou do crescimento urbano, mas chama atenção o fato de as mulheres estarem no cerne dessa expansão. Em *Texaco*, quem decide invadir o terreno e construir o primeiro barraco é uma mulher, a mesma que será a líder da comunidade que se formará naquele espaço. A presença feminina também é essencial na luta pela manutenção do espaço, pois é Marie-Sophie e as outras mulheres da comunidade que vão resistir aos “ataques” da polícia. Assim como também é um grupo liderado por mulheres que decide interpelar o prefeito de Fort-de-France e lhe falar sobre as misérias de suas vidas e das vidas de seus filhos.

Em *Texaco*, a constante presença feminina é um dos mais importantes instrumentos na garantia da perspectiva coletiva do espaço. Há entre os homens da favela um sentimento de rivalidade combinado a um espírito nômade que impede a fixação deles naquele espaço. Assim, enquanto os homens querem ter o papel de comando na comunidade ou querem sair sem rumo para conquistar novas terras, as mulheres desejam um futuro menos árduo para seus filhos e para os filhos das outras mulheres. É esse sentimento maternal, subjetivo na alma de Marie-Sophie, que sequer tem um filho, que faz com que ela lute por Texaco. É um sentimento hereditário, vindo de muitas gerações, que quer verdadeiramente encontrar um lugar para essas pessoas.

Esse papel das mulheres está fragmentado em *Cidade de Deus*. A perspectiva do espaço da Cidade de Deus está determinada pela ótica masculina. Em geral, a participação das mulheres acontece quando são mães, mulheres ou namoradas dos homens da favela. Quando são mães desejam proteger os filhos dos perigos das ruas; quando são mulheres, de bandidos ou mesmo de trabalhadores, desejam sair daquele espaço e buscam convencer seus homens a se mudarem dali.

Isso não impede, porém, que sejam elas que formem a linha de frente no conflito com a polícia. Muitas vezes são as mulheres que, na tentativa de proteger filhos e maridos, acabam por escondê-los em locais seguros dentro da favela, arriscando-se a agressões ou mesmo à prisão. No grande conflito entre os traficantes, que dividiu o espaço da favela em dois grupos, a única participação efetiva de mulher foi no desencadeamento da briga entre Zé Pequeno e Mané Galinha – quando o primeiro estuprou a namorada do segundo. Mas essa moça simplesmente desaparece da Cidade de Deus e, com tempo, a luta entre esses homens torna-se cada vez mais uma disputa de força e de poder, que é medida sob o domínio do maior espaço da favela.

A diferença de postura das personagens frente ao espaço, controlado pelas mulheres em *Texaco* e controlado pelos homens em *Cidade de Deus*, é um dos motivos que leva essas favelas a terem percurso inverso. É claro que as condições de surgimento dessas duas comunidades foram bastante distintas, e isso não pode ser descartado, mas enquanto temos em *Texaco* um percurso de luta que termina com a urbanização de um espaço degradado, em *Cidade de Deus* um espaço urbanizado termina em degradação.

Já apontamos os diferentes tipos de conflito, de lutas e de perspectivas que levam a esse desequilíbrio, entretanto, uma reflexão feita por Diva Damato sobre a obra de Édouard Glissant, no livro *Édouard Glissant: Poética e Política*, pode nos ajudar a pensar a comunhão ou não das personagens de *Texaco* e *Cidade de Deus* com seus respectivos espaços. Além disso, podemos entender como esse espaço, por sua tamanha relevância na vida indivíduo, interage com ele, sendo capaz de transformá-lo e sendo transformado por ele.

Para Glissant, os negros africanos trazidos para trabalhar em regime de escravidão em diversos países da América são, na verdade, *migrantes nus*. Por esse conceito, Glissant entende que os africanos foram tirados à força de seu espaço e ao chegar no Novo Continente sofreram pelo menos três depossessões que repercutiram enormemente em suas vidas: as depossessões do *espaço*, da *língua* e da *história*. Sem essas três posses, o negro escravo não consegue se enxergar como indivíduo e perde sua subjetividade.

É preciso reconquistar o que se perdeu e, segundo Diva Damato, um sentimento específico se dá em relação ao espaço:

O espaço onde esses recém-chegados se instalaram como colonizadores, como trabalhadores engajados ou como escravos não é o espaço ancestral, berço dos seus mitos, de sua cultura, forjador de suas técnicas de trabalho. Este espaço visto como

mágico, “maravilhoso” ou aterrador, perturba o recém-chegado, intranquiliza-o. Não é um espaço dominado: não dá àquele que o habita segurança (DAMATO, 1995. p. 148).

Já vimos que os habitantes de Texaco e Cidade de Deus são, em sua maioria, descendentes do grupo menos favorecido da colonização das Américas: os negros. Mas não vamos retomar aqui as questões da colonização, que embora importantes, podem ser mais bem analisadas num outro momento. Parece pertinente, por essa citação, observarmos como, após anos do período de colonização, a história de ocupação do espaço e a relação do indivíduo com ele podem recuperar algumas das características daquela época, refletindo em interações diferentes.

Em *Texaco*, as personagens vivem ainda com o fantasma de seus ancestrais. Eles desejam o espaço que o espaço aterrador da escravidão seja substituído pelo espaço mágico da liberdade. Por isso, é na cidade e não no campo que essas pessoas desejam se estabelecer. Texaco é o lugar mágico encontrado por Marie-Sophie. Estar em Texaco significa recuperar-se de suas depossessões. Ali, os moradores podem recuperar sua história, sua língua a partir de um espaço escolhido por eles mesmos. Portanto, diante dos obstáculos, mesmo quando há medo ou intranquilidade, há os vestígios da magia, de onde nasce a segurança e o desejo de se fixar nas terras.

Com isso, nasce também um desejo de integrar o espaço da favela ao espaço da cidade, e cada conquista é comemorada: casas de alvenaria no lugar dos barracos de folhas-de-flandres ou fibrocimento, água encanada, serviço de esgoto, asfalto. O acesso aos serviços sanitários básicos faz com que os habitantes de Texaco sintam-se parte da cidade, e esse sentimento é essencial na constituição de suas identidades. É como se essas pessoas tivessem ganhado a primeira batalha na recuperação de suas próprias vidas, ceifadas ao longo de séculos.

Na Cidade de Deus, o sentimento será completamente diferente, talvez, muito mais próximo daquele experimentado pelos antigos escravos. A Cidade de Deus não é para suas personagens um lugar seguro, de magia ou liberdade. Esses moradores revivem pelo menos duas das depossessões de seus ancestrais. São *migrantes nus*, destituídos de sua história e de seu espaço. O que essas pessoas haviam conquistado por conta própria foi levado literalmente pelas chuvas. E a exemplo do que havia acontecido séculos atrás, essas pessoas foram transplantadas para um lugar desconhecido, tiveram mais uma vez parte de sua história destituída e laços de amizade quebrados.

Com isso, a constituição de uma interação entre as pessoas e entre elas e o espaço se torna difícil. A intranquilidade de estar nesse novo espaço não era injustificada. Era comum em cada uma das antigas favelas que os bandidos mais temidos exercem poder sobre os moradores. Agora, com diversos bandidos vivendo no mesmo local, a rixa e a briga pelo poder assustava a todos. Os próprios bandidos estavam tensos. Sobreviveria aquele que conseguisse dominar o outro, matá-lo e ocupar seu espaço – que mais do que físico era também um espaço social.

A mediação do Estado, nesse caso, termina por constituir uma integração segregadora, pois enquanto fornece condições básicas de habitação, impõe um sistema de ocupação que separa famílias inteiras. Além disso, facilita sub-repticiamente o poder bandidos que culminará num espaço interno dividido e num verdadeiro apartheid entre a favela e a cidade.

Já dissemos e reiteramos nesse texto que a importância do espaço na composição dos romances que estamos discutindo é tamanha, que acaba por constituir a personagem principal de cada um deles. Texaco e Cidade de Deus: protagonistas.



Pensar sobre essa nova atribuição do espaço no romance nos faz retomar Édouard Glissant. Para Glissant, o espaço no romance das Américas, dos escritores do “Novo Mundo”, não tem a mesma relação com as personagens que tem o romance Europeu, por exemplo. Toda a história de conquista do espaço ocorrida nesse continente marcou tão profundamente os indivíduos que, no âmbito literário, vai manifestar-se na constituição da subjetividade das personagens, modificando-as e sendo modificado por elas.

Em *Texaco*, o espaço começa sendo descrito timidamente, mas emerge dessa condição como uma verdadeira personagem do romance quando aglutina o desejo coletivo de ocupação com a natureza autônoma do lugar. Com características próprias, o terreno de Texaco entra em harmonia com as personagens que nele querem habitar. Do mesmo modo que a ocupação das pessoas o modifica, ele modifica todos os que nele se instalam. Nesse contexto, a memória de Marie-Sophie se revela, na verdade, como mediadora da história desse espaço, pois toda a história de seu povo está centrada na dicotomia da caracterização do sujeito pelo espaço e na do espaço pelo sujeito.

Em *Cidade de Deus*, a harmonia entre espaço e personagens limita-se ao começo do romance. Ao longo do texto, quando a relação torna-se limitada pela posse individualista e pela demarcação de poder, o conflito por poder eleva o espaço à personagem. Isso ocorre num processo de degradação simultâneo. A agressividade do espaço degrada as personagens ao mesmo tempo em que as personagens degradam esse espaço. No entanto, os limites da natureza geográfica não se fundem aos limites humanos, pois quando as personagens sucumbem à própria natureza, o espaço sobrevive e renasce com novas personagens. Não importa se Cabeleira morreu, haverá Bené; se Bené morre, ainda há Zé Pequeno; e com a morte de Zé Pequeno surgem outros meninos sedentos por possuir aquele espaço e ser possuído por ele.

## **Referências Bibliográficas**

- CHAMOISEAU, P. *Texaco*. Companhia das Letras: São Paulo, 1993.  
DAMATO, D. *Édouard Glissant: Poética e Política*. São Paulo: Annablume: FFLCH, 1995.  
DAVIS, M. *Planeta Favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.  
LINS, P. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

---

## **Autor (es)**

<sup>1</sup> **Keila Prado COSTA, Mestranda.**

Universidade de São Paulo (USP)

Departamento de Letras Modernas – Área de Língua e Literatura Francesa